

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

CIDADE HUMANA E SENSAÇÃO DE SEGURANÇA: PERCEPÇÕES RELACIONADAS A DIMENSÃO HUMANA DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

SOUSA, GIOVANA RODRIGUES DE¹, GALLO, DOUGLAS²

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, bolsista de iniciação científica PIBIC-CNPq, Oby – laboratório cidade paisagem, IFSP, Campus São Paulo.

² Professor Doutor, líder do grupo de pesquisa oby – laboratório cidade paisagem, IFSP, Campus São Paulo, douglas.gallo@ifsp.edu.br.

Sessão Temática: 4 – Cidades e Paisagens em Disputa

RESUMO: A racionalidade do planejamento urbano hegemônico tem desconsiderado a dimensão humana das cidades, resultando em espaços pouco acolhedores e desumanizados. Esta pesquisa tem como objetivo compreender as percepções e representações de uma comunidade acadêmica sobre a dimensão humana da metrópole paulista. A abordagem metodológica é qualitativa. A coleta de dados foi feita com três grupos focais, contando com 17 participantes da comunidade acadêmica (estudantes e servidores) que assinaram termo de consentimento livre e esclarecido e complementada com revisão integrativa da literatura. Após a transcrição das comunicações foi realizado o tratamento dos dados com base na análise de conteúdo auxiliada pelo *software WebQDA*. A sensação de insegurança atua como um potente fator de esvaziamento da vida urbana, pois transforma a cidade em um espaço hostil, menos humano e menos vivenciado, sobretudo nos espaços públicos que deveriam ser de encontro e convivência.

PALAVRAS-CHAVE: cidade humana; planejamento urbano; resistência urbana; insegurança urbana; desigualdade socioespacial.

HUMAN CITY AND SENSE OF SECURITY: PERCEPTIONS RELATED TO THE HUMAN DIMENSION OF THE CONTEMPORARY CITY

ABSTRACT: *The rationality of hegemonic urban planning has disregarded the human dimension of cities, resulting in unwelcoming and dehumanized spaces. This research aims to understand the perceptions and representations of an academic community regarding the human dimension of the São Paulo metropolis. The methodological approach is qualitative. Data collection was carried out with three focus groups, comprising 17 participants from the academic community (students and staff) who signed a free and informed consent form, and was complemented by an integrative review of the literature. After transcribing the communications, the data was processed based on content analysis assisted by WebQDA software. The feeling of insecurity acts as a powerful factor in the emptying of urban life, as it transforms the city into a hostile, less human, and less lived-in space, especially in public spaces that should be places of encounter and coexistence.*

KEYWORDS: *human city; urban planning; urban resistance; urban insecurity; socio-spatial inequality.*

INTRODUÇÃO

Com o crescimento acelerado das cidades a dimensão humana foi sendo ignorada ao longo de décadas (Eldeeb, Shehata e Hafez, 2022), isso significa que fatores humanos como a escala do pedestre, o contato com as áreas verdes, o espaço público como local de encontro, entre outros, foram deixados de lado, principalmente no que conhecemos como planejamento urbano moderno, tornado hegemonia a partir do norte global. Os novos desafios globais para as cidades contemporâneas se relacionam com a sua dimensão humana. O planejamento demanda, assim, enfoques contra-hegemônicos que considerem as necessidades das pessoas que vivem nas cidades, objetivando a construção de cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis. Ruas mais caminháveis e com espaço público adequado e convidativo, geram mais vitalidade e tornam a própria rua mais observada, com mais incentivo para acompanhar o que ocorre nos arredores dos edifícios e consequentemente mais seguras (Svarre e Gehl, 2017; Jacobs, 2009)

Sabendo-se que o uso do espaço urbano influencia e é influenciado pela percepção de segurança (Pires, 2020; Gallo, 2020), torna-se essencial compreender as percepções e representações sobre a dimensão humana da cidade e os impactos da percepção de insegurança sobre sua apropriação. O presente estudo tem o recorte de uma comunidade acadêmica, pela facilidade de contato e coleta de dados e busca identificar o que a comunidade acadêmica entende por “cidade humana” e quais são suas representações com relação a cidade de São Paulo. O objetivo da pesquisa foi compreender as percepções e representações da comunidade acadêmica do IFSP, Campus São Paulo, referentes à dimensão humana da cidade e este recorte trata sobre sua relação com a sensação de segurança.

METODOLOGIA

O estudo teve uma abordagem qualitativa, que é a mais adequada para relacionar os valores subjetivos associados ao tema do projeto, buscando identificar as percepções acerca da dimensão humana da cidade de São Paulo. A metodologia qualitativa permite analisar fatores que não podem ser traduzidos em números, considerando-se mais importante os processos e significados (Prodanov; Freitas, 2013). Para isso, primeiramente foi realizada uma revisão integrativa da literatura, com artigos, livros, teses, dissertações, etc., que abordassem temas relevantes para o presente estudo publicados no período entre os anos de 2018 e 2023. A busca foi realizada nas bases de dados Scopus, SciELO, Science Direct, Web of Science, Periódicos CAPES e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Para complementar os resultados teóricos, foram realizadas três sessões de grupos focais, sendo duas com estudantes e uma com servidores do Campus São Paulo do Instituto Federal de São Paulo, contabilizando ao todo 17 participantes, que participaram de forma voluntária após convite e assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O grupo focal é uma forma de entrevista realizada em grupos. Os grupos focais foram gravados em áudio e transcritos com o auxílio da plataforma *TurboScribe*. Após a transcrição, o conteúdo foi analisado com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2016), com auxílio do software *WebQDA*, através da criação de categorias de análise. Foram criados cinco códigos árvore com base nos temas mais abordados pelos participantes: mobilidade urbana (incluindo produtividade, tempo gasto e distância); segregação e desigualdade socioespacial; segurança pública (incluindo sensação de segurança e sensação de insegurança); escala física (incluindo influência das áreas verdes e dimensão humana da cidade) e relações sociais (incluindo escuta ativa, relação com a cidade e relação cidade e consumo). Este trabalho desenvolve a análise da categoria “segurança pública” e seu papel na percepção da dimensão humana da cidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas últimas décadas, as cidades têm sido palco de disputas em torno da produção, gestão e apropriação do espaço urbano (Gledhill, Hita e Perelman, 2020). Entre os modelos de planejamento, o planejamento urbano estratégico (PUE) consolidou-se como paradigma dominante, orientado por objetivos de competitividade global, atração de investimentos e marketing urbano (Diniz, Silva e Sanches Junior, 2020). O planejamento urbano estratégico, inspirado na gestão empresarial, trata a cidade como produto a ser vendido no mercado global (Vainer, 2013). Seus objetivos centrais são a atração de investimentos, a realização de grandes eventos e a criação de projetos urbanos de impacto simbólico. Essa lógica tem contribuído para a produção de espaços voltados ao consumo e à circulação de capitais, frequentemente em detrimento da dimensão humana (Harvey, 2005).

A segregação espacial, uma das percepções encontradas no estudo, está diretamente relacionada com a percepção da segurança urbana (Figura 1). Os conflitos e contradições presentes no espaço urbano levam a um isolamento em enclaves fortificados de grupos sociais com melhores condições financeiras. Já a qualidade espacial dos espaços públicos influencia na vivência urbana, estimulando a urbanidade e vivacidade (Del Rio, 2016; Gehl, 2015).

Figura 1. Reflexos da desigualdade social no espaço urbano.



Fonte: Elaborado pelos autores

O uso comum do espaço, o bem-estar, a estética e a funcionalidade, além de melhorarem fisicamente o espaço, podem transformar a percepção do local e a maneira como é apropriado. Lugares com cara de abandono transmitem uma imagem de insegurança, como pode-se perceber no excerto a seguir:

"[...] às vezes eu me sinto também um pouco mais seguro andando à noite no meu bairro do que andando no centro de São Paulo. Eu sinto que, talvez por essa questão da identificação, da territorialidade, eu consigo me sentir mais parte do meu bairro, então, quando eu desço do ônibus à noite e preciso caminhar até a minha casa, eu sinto muito mais tranquilidade, [...] eu conheço o movimento, conheço as pessoas, eu sei onde eu tô, então, eu sinto segurança." (transcrição participante 0604)

Percepções como esta demonstram como uma escala de cidade mais próxima, mais humana impacta positivamente na sensação de segurança e pertencimento. Os aumentos nos índices de desigualdade e a falta de manutenção dos espaços públicos também impactam na sensação de injustiça, o que contribui para uma crescente percepção de perigo. A sensação de perigo no mundo contemporâneo é crescente, bem como a impotência ao tentar evitá-lo (Bauman, 2008). Espaços que deveriam ser democráticos e cidadãos, se esvaziam, pois as pessoas não se sentem pertencentes a eles e não possuem mais o senso de comunidade, que se constrói a partir de relações de igualdade de direitos e respeito mútuo, apesar das diferenças (Sennet, 2014; Gallo, 2020). A percepção de insegurança afasta as pessoas do espaço público e gera vulnerabilidades e comportamentos

inadequados, pois, por mais que ele possua qualidades físicas, o medo generalizado impede que ele seja frequentado, principalmente como um espaço de permanência, e quanto menos ele for frequentado, menos ele estará seguro, justamente o que é exemplificado no excerto a seguir:

“Eu acho que existe um conflito muito grande entre os espaços que são públicos. [...] São Paulo tem um problema muito grande com pessoas em situação de rua. E aí tem essa questão dessas pessoas não terem um lugar para morar e elas acabam ocupando esses espaços. E aí as pessoas, às vezes, não se sentem à vontade de ocupar esse espaço por não quererem ter essa convivência, essas pessoas não se sentem seguras. E às vezes também esses espaços estão vazios, sem ninguém. [...]. Então, acho que sempre acaba convergindo um pouco para a questão das pessoas não se sentem seguras. Mas acaba criando um ciclo de elas não se sentem seguras, então elas não vão. Aí não vão, aí as pessoas não se sentem seguras porque não tem ninguém. Aí, se não tem ninguém, as pessoas não vão.” (transcrição participante 0501).

A percepção de insegurança não se limita apenas aos fatores relacionados à segurança urbana, e sim a aspectos de influência global, sendo inclusive afetada pela imagem relacionada aos símbolos de segurança, vendidos como a solução, como os condomínios fechados e toda uma gama de aparatos de vigilância, fazendo parte da lucrativa indústria da segurança privada (Bauman, 2013). Sendo assim, entende-se que o enclausuramento, que, nesse caso, é social, simbólico e físico, é uma forma de alcançar determinado status social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O medo generalizado está presente na sociedade atual, podendo ser observado no espaço urbano com a constante sensação de insegurança, seja ela real ou percebida. Trata-se de um medo sem causa específica aparente e inconstante, que causa ansiedade pela falta de controle sobre o que acontece na cidade e as angústias diante da percepção da violência urbana (Bauman, 2008; 2013; Beck, 2011; Gallo, 2020). Dessa forma, a realização dos grupos focais foi imprescindível para o entendimento das percepções dos alunos e servidores do Campus São Paulo do IFSP, que corroboraram com o que é dito na teoria sobre a sensação de insegurança na cidade.

A sensação de insegurança atua como um potente fator de esvaziamento da vida urbana, pois transforma a cidade em um espaço hostil, menos humano e menos vivenciado, sobretudo nos espaços públicos que deveriam ser de encontro e convivência. Essa percepção não surge de forma neutra: ela é atravessada pelas desigualdades sociais e pela lógica de um planejamento urbano hegemônico que privilegia o controle, a mercantilização e a segregação em detrimento da experiência cidadã. Ao reforçar fronteiras simbólicas e materiais, o medo limita a circulação, reduz a apropriação coletiva do espaço e amplia a fragmentação urbana. Diante disso, torna-se urgente a construção de práticas insurgentes que reivindiquem a cidade como lugar de pertencimento, solidariedade e diversidade, capazes de reverter a lógica do medo e afirmar o direito à vida pública em sua plenitude.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao CNPq e ao IFSP pelo apoio concedido por meio de bolsa institucional de iniciação científica, fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Estendem também o reconhecimento ao grupo de pesquisa oby – laboratório cidade paisagem, cuja colaboração, trocas e aprendizados foram essenciais para a consolidação desta experiência acadêmica.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BECK, U. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011.

DEL RIO, V. Perambulando pelo centro histórico de Lisboa: urbanidade, o flâneur e as qualidades visuais da cidade. In: RHEINGANTZ, P. A.; PEDRO, R. M. L. R.; SZAPIRO, A. M. (org.). **Qualidade do lugar e cultura contemporânea**: modos de ser e habitar as cidades. Porto Alegre: Sulina, 2016.

DINIZ, L. S.; SILVA, C. P. B.; SANCHES JUNIOR, P. F. Empresariamento urbano: da teoria à prática do planejamento urbano estratégico na cidade de Belo Horizonte (2009-2019). **Ponto-e-Vírgula**, n. 27, p. 6-18, 2020.

ELDEEB, G.; SHEHATA, M.; HAFEZ, H. Towards More Human Cities in Egypt: Human City Urban Planning Model HCUPM. **Civil Engineering and Architecture**, [s. l.], 2022.

GALLO, D. L. L. **Cidade humana**: a vida urbana e a promoção da saúde como qualidade de vida. Tese (Doutorado em Urbanismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GEHL, J. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GLEDHILL, J.; HITA, M. G.; PERELMAN, M. **Disputas em torno do espaço urbano**: processos de [re]produção/construção e apropriação da cidade. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2022.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

SENNET, R. **O declínio do homem público**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

PIRES, G. D. **Abordagem da macroergonomia no espaço urbano**: fatores que influenciam na percepção de qualidade. Dissertação (Mestrado em Design). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013.

VAINER, C. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2013.